

# “NEUROBRÁS” \$ a<sup>1</sup>

MD Magno

Seria um bom momento para arroubos teóricos, mas preciso falar de outras coisas, dadas as condições atuais da nossa estada no campo psicanalítico. Posso me dar ao luxo de não falar de teoria na medida em que alguns dos meus querem se encarregar disso durante este Congresso... É anunciada uma conferência, mas gostaria que não fosse bem isto, e sim mais um papo, uma conversa com o máximo de participação das pessoas, dizendo, também, o que pensam, para a gente poder dialogar um pouco...

O que se escreve no título é, como anúncio, Neurose e Fantasia. Mas, hoje, me reparo e me reputo para repetir a muitos moucos um óbvio ululante, aquele que se inscreve como sigla dessa empresa, aliás nefasta: NEUROBRÁS S/A sociedade anônima da neurose nacional, com sua inflação acumulada ainda por cima. Essa empresa, que entre nós é nitidamente estatal, também não passa de uma privada. Oximoro que não chega, aliás, a fazer um equívoco interpretante para esse elefante em branco que não sai do vermelho, só nos dando prejuízo muito grande. A palavra *prejuízo*, como sabem, tem a mesma noção de *preconceito*, isto é, essa obrigação de se ater a algum sentido dado, que é uma maneira como também defino a neurose no campo enorme do gozo-do-Sentido, que é o lugar das S/A, sociedade anônima da defesa, defesa *do* sintoma. Há aí um duplo genitivo: pretende essa sociedade defender o sintoma no que dele se defendendo. E isto se faz mediante o ataque histórico, se não histórico, da macaquice imitativa da denegação obsessiva de sua vocação heterofágica pela compulsão ao chamado entreguismo. Tudo isso em plenos conformes com a ideia idiota – de neurótico, naturalmente – de que o acesso à fantasia é, deve ser, *perversidade*. E tome-se no rabo, já que não se vai até o rabo da palavra, como ensinou Guimarães Rosa...

Isto para fazer uma introdução à nossa posição de brasileiros e falantes da língua portuguesa no momento presente da história da psicanálise. Como já devem ter notado,

---

<sup>1</sup> Conferência proferida no IV Congresso Brasileiro de Psicanálise d’A Causa Freudiana do Brasil, Porto Alegre, 09 outubro 1987. Texto originalmente publicado em MAISUM: Boletim do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, no. 73/74, p. 3841-3868, 20 set 1988.

estamos não num fim de período, estamos vivendo um verdadeiro fim de era por volta dessa coincidência aproximada com o final de século. As viradas são tão sérias, tão importantes, embora talvez nossa defesa pessoal evite se dar conta disso, que chego a ousar dizer que, diante da tarefa que nos espera, **Lacan é um pensador terminal**. Lacan não abre caminho para o futuro. Parece impressionante, mas ele fecha um ciclo. Que nós não tratemos de ficar pendurados nesse passado porque ele já deu o que tinha que dar. A genialidade de Lacan, depois da de Freud, fechou um processo. É claro que quando se fecha um processo isto significa que se está inaugurando a possibilidade de um processo novo. Portanto, eles são a charneira, talvez, da nossa era. E a gente que se cuide, porque há muito que fazer.

O que sobrou da Escola do pobrezinho do Lacan não levou muito tempo para virar folclore. Muito menos tempo do que levou a IPA do pobrezinho do Freud. É por isso mesmo que algumas pessoas me invectivaram quando falei do “**retorno de Freud**”, como se eu fosse buscar o homenzinho lá no reino dos fantasmas. Lacan fez um retorno a Freud, extremamente bem feito. Nos deu tudo que temos de ferramenta para trabalhar. Retorno a Freud que é, para ele, a partir de uma sintomática completamente outra, a meu ver, de bases francesas, de cultura francesa, europeia, uma leitura, um retorno aos textos do Freud: uma leitura que armasse uma estrutura compacta de rastreamento do pensamento freudiano. Quando falo do retorno *de* Freud, além de ser uma repetição de retorno a Freud como leitura, é também reassumir a sintomática de Freud. A meu ver, Lacan não é *histérica* o suficiente, embora nitidamente seja uma maravilhosa *histérica*, para encaixar o sintoma freudiano. Ele encaixou outros, vamos dizer, cartesianos, etc., mas acho que era hora de a gente assumir o sintoma de Freud, de a gente querer dar conta com muito mais generalidade, muito mais amplidão, dos processos que ocorrem na chamada linguagem, de querer ver isso instalado lá no Haver, em tudo isso que há.

É no seio dessa questão que me coloco, com certa veemência, e para os meus, a questão de nós outros aqui, brasileiros, diante desse problema. E vejo que a gente pode muito, faz bastante e pode fazer mais ainda – *deve*, portanto. Mas estamos emperrados em certas pequenas coisas que deveríamos retomar e refletir.

Há uma **sintomática brasileira**, tanto é que isso faz questão fundamental quando se trata de conceber o que fosse a cultura, a expressão cultural do Brasil, que é uma coisa esporádica e fracionária. Mas o Brasil até hoje não se impôs diante das outras

nações – e isto é importante como começo de conversa, pelo menos – com um aparelho cultural de sua lavra. E quero supor que isto se deva a essa Sociedade Anônima da Neurose Nacional que não se revê, não se cura, ou não se curou a tempo, e que temos condições de começar a apontar com um pouco mais de veemência.

Essa sintomática brasileira se exprime nas duas vertentes principais da neurose: histericamente ou obsessivamente, enquanto neurose quero dizer. De um lado, a proverbial macaquice do brasileiro, essa vontade de imitação do que é de fora. Todos nós passamos por ela, não estou me tirando da reta. Tanto é que os portugueses – todos temos alguma coisa a ver com português, na família ou por perto – sempre, na hora da briga, chamam a gente de macaco. Com toda razão, no sentido desse sintoma histérico. Por outro lado, teríamos essa vertente obsessiva que foi nomeada no jargão popular de séculos atrás, sobretudo no século XIX, com o nome de **Mazombo** e que foi destacado por meu mestre, Anísio Teixeira, num texto bastante interessante sobre educação, como uma espécie de sintoma brasileiro do **mazombismo**. Vocês sabem que o mazombo, assim chamado, era o filho de português, o filho de europeu em geral, nascido no Brasil. Eles ficavam numa situação esquisita porque, dada a bissexualidade, se quiserem, das nacionalidades, ficavam, por um lado, ufanistas de sua nacionalidade brasileira e, por outro, nostálgicos da riqueza cultural da Europa. Era um ser mais ou menos oceânico que, quando estava no Brasil, ficava falando das maravilhas da Europa e, quando estava na Europa, ficava falando maravilhas do Brasil. Então, mazombo: aquele obsessivo que mora sempre na casa em frente. São, portanto, dois aspectos dessa sociedade anônima da nossa neurose nacional: a macaquice e o mazombismo.

Ora, se isso aparece assim como sintoma, certamente que é retorno de algum recalçado, que, por alguma via compatível com as pressões do Outro, pressões culturais, etc., se apresenta assim com esses cacoetes esquisitos. Na verdade, já tivemos quem, de dentro da nossa cultura, fizesse o levantamento, a interpretação mesmo, disso, como é o caso de Anísio que citei há pouco. Trata-se, sobretudo, de um chamado Oswald de Andrade, que fez o levantamento da nossa fantasia, levantamento mediante o qual se poderia transformar o S/A da sociedade anônima da neurose para o § a da explicitação da nossa fantasia.

Vocês se lembram de que, ao buscar esse caroço do fenômeno inconsciente no brasileiro, Oswald sugeriu o que chamou de *antropofagia* como sendo essa fantasia

brasileira que ele data da deglutição do bispo Sardinha. Foi o apontamento que ele fez desse desejo constante do brasileiro de considerar a realidade como sendo o ato de deglutir a alteridade. Não se sabe por que razões – teríamos que fazer um longo levantamento, uma suposição histórica ou coisa dessa ordem – o Brasil, uma verdadeira fantasia de arlequim de pequenos caquinhos de tecidos mais diversos, virou esse comedor do Outro, nessa vontade de assimilar tudo que vê de diferente. Também Oswald apontou esse viravesso da utopia na vontade brasileira de fazer o agora-aqui, com o lugar impossível onde tudo isso se mistura e se deglute. E nos convidou a fazer o que ele chamaria de “revolução caraíba”, a revolução disso que, na língua de origem, significa o sujeito astuto, sábio, muito vivo, que, uma vez, num certo Seminário, comparei com o exemplo do Pedro I, que era um tremendo “bicão”. De modo que temos aí um verdadeiro diagnóstico enquanto levantamento e indicação de sintoma, bem como destacamento da fantasia brasileira.

Mário de Andrade faz uma verdadeira descrição de caso clínico no chamado *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter. Os mazombos nacionais – que vão desde, às vezes, a Presidência da República até o último dos guardas de trânsito – ficam muito envergonhados com essa coisa: “Imaginem, nós aparecermos diante do mundo como o herói sem nenhum caráter. Precisamos acabar com essa ideia do jeitinho. Que vergonha...” Isto é papo de neurótico na medida em que não é recalçando o retorno do recalçado que se cura coisa alguma. Muito pelo contrário, é procurando saber como se deu esse recalçamento que faz aparecer o sintoma que aparece e que deve ter por trás uma realidade muito importante. Considero *Macunaíma* uma verdadeira denúncia da neurose brasileira, um caso clínico, mesmo que apresentado pelo avesso, configurado no vulto desse Macunaíma enquanto “erói”, sem h, sem nenhum caráter. Como isto é possível no campo do sentido, a não ser como demonstração pelo avesso? Se é sem nenhum caráter, já é algum caráter ser sem nenhum. Que caráter é este que se apresenta como “sem nenhum”? Oswald responde com brilho que é a “começão do outro”. É a *heterofagia*, como quero traduzir a antropofagia de Oswald. A neurose que está aí é obrigação de ter um sentido.

Ao contrário dos mazombos nacionais, sejam eles oficiais ou não, penso que, ao invés de nos envergonharmos disso, devíamos nos orgulhar de não termos sentido... e *fazê-lo*, portanto. *Fazê-lo* para não tê-lo, para continuar a *fazê-lo*. A vergonha deles é

que, nesse aspecto mazombo de sua existência, ficam querendo imitar as configurações dadas em outros países, em outras nações. Apresentar um caráter nacional, então, seria um sujeito fantasiado de europeu falando na Europa, um sujeito fantasiado de americano falando na ONU, essas baboseiras. Apresentar-se como um caráter nacional, por falta de definição, acaba virando outra vez macaquice. Apresentar um caráter nacional, segundo eles, justo num período de formação que, no Brasil, é tardia, um período em que outras nacionalidades, ou porque são mais antigas, ou mais marcadas por algum evento, alguma escritura especial, já apresentavam, ou tinham, melhores condições, melhores marcações, para apresentar esse tal caráter nacional. Contudo, Macunaíma não deixa de ser algum caráter.

Temos aí não só o levantamento do diagnóstico, como mesmo a interpretação, pelo menos desses nomes Anísio Teixeira, Oswald e Mário de Andrade. Por acaso todos eles muito amigos entre si e pertencentes a um momento de eclosão de cultura brasileira que, outra vez, foi sufocado pelo mazombismo da neurose nacional. É coisa frequente em nossa história. Em 1816, o pai do Pedrinho, o D. João VI, com todas as razões, porque ele estava só fugindo de Napoleão, não sabia do que se tratava por aqui, acaba importando a tal missão francesa que foi um desastre ecológico em nossa cultura. Num período em que aquele lixo cultural que a França não queria mais em casa, veio parar aqui um academicismo decadente, horroroso. Vem para o Brasil, como imposição, substituir uma arte nascente, extremamente vigorosa – que não é barroca coisa nenhuma. É preciso reestudar isto: o Brasil não é barroco, o Brasil é **maneiro**, como quero chamar. E, sucessivamente, vamos vivendo essas demissões de nossas possibilidades de tomar a palavra em função desse barbarismo de obedecer a essas estruturas neuróticas de nossa cultura.

Tenho chamado atenção por diversas vezes, e insisto outra vez aqui, pedindo que repensem isto, que ajam a respeito e de acordo, de que isto é curável. A prática freudiana em sua visão mais extensiva, enquanto metapsicologia, teoria geral, nos permite pensar um processo de cura disso, acentuando nessa vontade heterofágica, nessa heterofagia, nesse caráter maneirístico da nossa cultura. As pessoas querem traduzir, como vocês devem saber, esse caráter maneirístico nacional em barroco porque sempre foi meio vergonhoso ser maneirista, por uma questão de estupidez de historiadores e de críticos. Temos hoje uma retomada da história do Maneirismo enquanto momento entre

Renascimento e Barroco, e do maneira em geral, que é uma estrutura que se repete por toda a história da expressividade humana. Estamos habituados a essa bipolaridade Clássico/Barroco e sempre o pessoal, por não ter se dado conta, não ter refletido a respeito, não ter achado uma ferramenta teórica que pudesse explicar, fica envergonhado de falar do Maneirismo porque quer supor que é uma espécie de andrógino ou de bissexual, o que não é verdade. Ele é absolutamente particular, tem seu modo de construção. O que lhe faltava, talvez – e é nisto que insisto –, era arrumar uma ferramenta qualquer de exposição disto.

Lacan termina a série de seus Seminários se perguntando meio equivocadamente, meio aos tropeços, por um *terceiro sexo*. É claro que existe o terceiro sexo. É evidente. Faltava era uma razão, uma lógica um pouco mais refinada para situá-lo. Não estou falando de viado ou sapatão, que são expressões imaginárias dentro do campo da sexualidade. Estou falando de posição lógica que não é só um terceiro lugar, mas é o primeiro e único: a possibilidade de o falante situar-se na sexualidade não lhe empresta a menor permanência nem no masculino nem no feminino. E parece que o Brasil é um lugar que teve condições para sacar isto e, ao mesmo tempo, há um processo de recalque disto que vai dar nesse mazombismo e nesse macaquismo. Era preciso, então, que a gente assumisse esse sintoma, tratasse dele, reafirmasse a fantasia e partisse para a estilização, na prática, prática freudiana, desse modo de fala do brasileiro.

Temos exemplos dentro de casa, que vão da alta literatura ao samba de morro, da arte popular à mais refinada arte de galeria, de museu. Não precisamos do outro a não ser para comê-lo como outro, dentro de nossa perspectiva de desejo. E para conversar com ele, o que é muito agradável... Daí que, quando digo essas coisas, algumas pessoas vêm fazer chacota dizendo que eu inventei a “**psicanálise brasileira**”. Encontra-se isso até em livro de neo-iluminista. Nosso II Congresso d’A Causa Freudiana do Brasil, em 1985, no Rio de Janeiro, chamado Congresso da Banana, pelo menos ficou altamente equivocante: a banana é para quem quiser. Psicanálise brasileira... É claro que isto não existe, ninguém falou esta bobagem. É claro que isto existe, ainda que seja uma besteira. Não fui eu, foi Lacan quem reduziu nosso possível no discurso que nos pega, o discurso psicanalítico, a esse Um particular, que é bem amarrado numa alíngua. Uma língua que é solitária entre outras muitas negras viúvas do Outro, dado que a relação é impossível. Estou com Oswald, quero a civilização dos

engenheiros – engenho e arte. A psicanálise é uma engenharia, a engenharia também não é uma ciência. Podemos dizer que há e não há psicanálise brasileira, porque, se esses achados, esses construtos, são abstratos e suficientes para fazer grandes generalidades no sentido de sua aplicação, a coisa se particulariza de imediato. Não podemos confundir o que promovemos como teoria, visão geral, contemplação do campo, com as emergências particulares em cada campo. Portanto, se a psicanálise é uma coisa que transcende os limites geográficos, etc., não transcende tanto assim os limites da fantasia e da sintomática de cada um, de cada país.

É preciso um pouco mais de respeito no sentido de a gente poder se dar conta de que não há condições de se submeter mazombicamente a internacionais ou multinacionais. O que podemos é fazer acordos. Como disse aqui ontem, quando da fundação d'A Causa Freudiana do Brasil, uma coisa que fiz questão foi de que não houvesse hegemonia. Como é que eu, que fico morando no Rio de Janeiro – e não moro nem no Rio, moro atualmente no Recreio dos Bandeirantes, mas vivo ali pelo Leblon –, eu que não saberia dar conta do Colégio Freudiano da Tijuca, quanto mais da Maiêutica do Rio Grande... a gente pode dialogar, mas não fazer hegemonias desse tipo. Além do mais, o que vejo nesse tipo de investida é muito mais da ordem do mercado. Não sei se o mercado europeu, por exemplo, está meio esgotado e é preciso arranjar um público um pouco maior para pagar as contas... É preciso a gente se precaver contra isto, e não deixar transformar em questão de psicanálise o que é questão de mercado.

Ainda há pouco tivemos o prazer de receber a visita de Élisabeth Roudinesco, no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. É uma pessoa ótima, simpaticíssima. Ela fez um trabalho belíssimo, dois volumes gigantescos a respeito da história da psicanálise na França, a guerra dos cem anos... É muito bom como informação a respeito da formação teórica do processo, extremamente bem feito. E, no meio, de cambulhada, toda a fofoca das questões francesas da psicanálise... Nada tenho que ver com aquilo. Por acaso, estive metido um pouco por ali. Conheci Jacques Lacan e aquelas pessoas. E fico curioso também de ler Philippe Sollers, seu romance chamado *Femmes*, onde encontramos esses nomes que nos acoassaram da década de 60 para cá, como Jacques Lacan, Althusser, Foucault, Derrida, Barthes... Mas isso é fofoca lá deles... Quero ver é o romance de cá. Não temos nada que ver com isso. Podemos é meter a mão, bicão, macunaimamente, nos achados e usá-los. Não foi à toa que Lacan foi a Caracas dizer

que gostou muito de ir lá porque não estava preocupado com as pessoas que o conhecessem, e sim com as pessoas que o teriam tomado por texto. Não temos nada a ver com o senhor Jacques Lacan ou com as pessoinhas de tal ou qual escola. Temos vida própria e podemos fazer alguma coisa. Fofoca por fofoca, as nossas são mais quentes...

Nós outros, que ousamos dizer que lidamos com discurso analítico, não podemos ter o papo brabo do pessoal da política. Fiquei muito decepcionado com Zé Sarney, que disse na televisão que era preciso acabar com esse negócio do **jeitinho** nacional. Mas isto é um horror. Não pode! É preciso tirar o jeitinho de seu aspecto neurótico e reconhecê-lo, sem recalçá-lo, em seu aspecto originário, porque é uma grande invenção nossa. É preciso saber o que tem por trás do jeitinho que, neuroticamente, percorre as ruas e que é tão importante que pega com tanta força. Ele deve ser um reconhecimento, embora deslocado, do que há de artificialidade na lei, na lei do mundo (não na Lei da estrutura). Parece que o brasileiro saca de saída, por causa da zorra em que foi instalada a nacionalidade, a artificialidade do processo. Então, lei é um negócio muito importante para a gente... dar um jeitinho. E isto é sábio. Se é usado neurótica ou perversamente é um horror, mas se é usado com alguma sabedoria, pode ser muito mais criativo do que toda velharada que já se deu na face da cultura mundial. É a evidenciação do arbitrário e do artifício. Afinal de contas, tudo para o falante é artificial. A tal da corrupção também. As pessoas vivem falando mal dela, mas já expliquei uma vez que a versão latina da palavra *corrupção* é muito importante: “estourar de rir”, “romper-se”... É na mão do neurótico que ela vira essa transa de fofoca de governo, mas é, na verdade, um relanceamento, embora deslocado aí na neurose, do desejo que se embute na demanda. Essa vontade dita de corrupção do brasileiro é esse relanceamento do desejo que está escondido em cada demanda.

Estamos pegando as melhores coisas e querendo recalcar o recalque que elas já sofreram. Não há quem aguente... É destruir a cultura por inteiro. Lacan, por exemplo, com aquela variação de preço de sessão que fazia, não fazia corromper? É altamente corruptivo. Quando tudo estava assentado, uma rasteirinha. Não é que se vai mudar o preço na loja todo dia, porque não há povo que aguente. Mas, sim, entender o fenômeno. Como nós outros, dadas as condições de formação do País e da cultura, lidamos com esse relanceamento do desejo que está por trás da demanda? Com esse



reconhecimento perene da *artificialidade*, com esse fingimento, com essa farsa social do brasileiro, que é maravilhosa? O brasileiro é um hipócrita. É macunaímico. Mas a gente está falando com ele e está sabendo que é. Então, viva Fernando Pessoa: “O poeta é um fingidor”. Que assuma esse fingimento e finja bem, poeticamente bem. Não há mais nada para fazer...

Lacan sempre falou da não-propriedade intelectual, no que diz respeito ao plágio. O significante não tem dono... É uma coisa, também, muito nossa: podemos, à vontade, lançar mão... E não somos tão cabotinos assim, porque até citamos os autores. Tudo isto que estamos fazendo é em torno do chamado Freud e do chamado Lacan. Uma vez dito isto, eu me aproprio. Por que não? Então, talvez precisemos olhar de novo para o Brasil com essa visão de paraíso que foi criticada pelo Sérgio Buarque de Holanda. Basta que reconheçamos que, talvez, aqueles viajantes, aqueles escritores, aqueles cronistas, a respeito do Brasil, tivessem razão. É o paraíso, sim! Basta a gente reconceber o paraíso, que não é aquele fajuto da Igreja Católica, aquela promessa de um nirvana-por-vir, investimento na caixinha do nirvana. É esse paraíso do horror cotidiano onde vivemos. Neste ponto aí, para citar um francês, chamo o testemunho do Philippe Sollers, que escreveu um livro chamado *Paraíso*, para mostrar que a gente nunca saiu dele. E por que será que há essa visão em torno do Brasil como o Eldorado, o paraíso, se não porque certamente veem alguma coisa dessa ordem por aqui? Ao invés, então, de servirmos de pedaços da nossa carne para as investidas desses caçadores de paraíso, que a gente curta esse paraíso pessoalmente.

\* \* \*

Nossa obrigação, de nós outros dentro do campo freudiano, é investir nessa prática, nessa prática freudiana que precisa cada vez mais ser ampliada em todos os regimes, em todos os registros. Sabemos que Freud separava mais ou menos nitidamente o que chamava de Metapsicologia – que é o nome próprio disso que chamamos Psicanálise enquanto teoria – e essa outra coisa que dizia que era fazer uma análise, um tratamento analítico. Temos, então, o campo do trato com a coisa analítica e o campo da contemplação disso como teoria. Lacan vem e fala da psicanálise intensiva e psicanálise extensiva que não são, *pari passu*, a mesma coisa que metapsicologia e tratamento. O intensivo de Lacan é essa análise que se promove na relação analista-

analisando, mas é, também, o que se possa fazer – e isto está em vários pontos de seu Seminário – como intervenção do discurso analítico no mundo. A psicanálise extensiva é, também, intervenção, no mais amplo do mundo, das consequências, das tiradas que se possa fazer de dentro do campo da reflexão. Então, eu diria que era preciso, talvez, fazer um quadro aproximativo juntando essas duas colocações de Freud e Lacan:

	TRATAMENTO PSICANALÍTICO	METAPSICOLOGIA
INTENSIVO	Clínica específica	Construção teórica perene
EXTENSIVO	Clínica geral	Aplicação aos saberes

O tratamento intensivo, como clínica específica, é o tratamento analítico, de gabinete ou não, pouco importa. A metapsicologia intensiva é esse trabalho de construção teórica referente à revisão do campo. O tratamento extensivo é o que quero chamar de Clínica Geral: é preciso que os psicanalistas se deem ao direito de entrar na clínica geral do mundo, de intervir analiticamente no sentido da cura, por exemplo, da cultura, do social... E a metapsicologia extensiva é a aplicação ao mundo dos saberes, aos saberes em geral, do que do intensivo conseguimos.

É uma vastíssima tarefa à nossa frente. Tudo isso dentro de uma sagacidade – que é o de que se necessita no campo psicanalítico – a mais acurada possível. A palavra *sagaz* vem do latim *sagace*, que propriamente significa “ter olfato sutil”. Por exemplo, o *sagire* do cão, sua *sagacitas*, significa ter bom faro. Isto não é muito comensurável com organizações quantitativas, e sim da ordem da arte do bom cheirar. Já comentei certa vez um pouco longamente, tomando como paradigma um romance chamado *O Perfume*, de um tal Süskind, que é um péssimo escritor mas teve uma grande ideia, esse recalque no campo analítico do que é da ordem do odor. Desde o namoro de Freud com Fliess e do mal-estar que isto causou na história da psicanálise, a pulsão nasal foi jogada fora. Lacan ousou falar da pulsão escópica, da pulsão invocante. Está na hora de a gente meter o nariz... Já caímos de boca, já fizemos tudo que era possível, agora está na hora de meter o nariz nas coisas... Com sagacidade e com solércia, a pura arte. A arte

pela arte de entrar no mundo dos objetos. Sagacidade na solércia é o que talvez tenhamos que usar para, primeiro, sobreviver e, depois, (se) acrescentar.

E que a gente não tenha que repetir mais com condoreiro Castro Alves, lá em seu *Navio Negreiro*:

Auriverde pendão da minha terra,  
Que a brisa do Brasil beija e balança,  
Estandarte que à luz do sol encerra  
As promessas divinas da esperança...  
Tu que da liberdade após a guerra  
Foste hasteado dos heróis na lança  
Antes te houvesse roto na batalha,  
Que servires a um povo de mortalha!...

Muito obrigado. Agora, eu quero papo...

\* \* \*

• P – *Quanto a sua menção sobre a virada do século, etc., sempre que se pergunta qual é a crise de hoje, a resposta mais imediata é de que se trata de uma crise econômica... Você poderia comentar isto um pouco mais, já que, de certo modo, você faz um prognóstico... E já que as crises costumam preceder novas visões antropológicas...*

Como disse, o que vejo é que não estamos num final de século, de um momento, e sim no final de uma era. E a crise econômica certamente é consequência disto, e não causa. Qualquer economista de coturno sabe muito bem que a economia não é uma ciência. E ainda que o fosse, se mudássemos o conceito de ciência, ela poderia ter precisão, mas não exatidão. Suas precisões estão na dependência de outra economia. Eu comentava, num Seminário, que Jô Soares estava gozando um ministro que declarou que “o problema da economia brasileira era psicológico”. E o Jô disse: “Não sei se mandamos internar a economia ou o ministro”. Pois é, agora o ministro ganha do cômico. O ministro falou certo. Só que não é uma questão psicológica, e sim metapsicológica.

Todo economista sabe que, se levar muito longe o questionamento da economia, vai acabar na Economia dos Desejos, na Economia Libidinal do mundo. Ora, quando as concepções, os aparelhos de visão-de-mundo, de linguagem, começam a se deparar com

grandes movimentações, com um momento de reviramento, de crise, que, como você diz, aproxima uma nova visão antropológica, o sentido fica balançando de tal maneira que o processo todo começa a degradingolar. Então, é preciso um *poeta*. Precisamos de um poeta urgente para fazer um poema novo, porque esse aí não vai funcionar mais. Nossa crise é esta: fim de era. Se não se fizer um poema novo... o velho já não está funcionando... É preciso outra metáfora. A qual não será meramente da ordem do poético, do social, etc., e sim da ordem dessa invenção de – será possível isto? – uma *nova humanidade*.

Acho que nós outros estamos na esteira correta, na esteira certa, para a virada. Quem pode pegar essa bola é a psicanálise: *o futuro será freudiano ou não será*. É uma aposta, como outra qualquer... Nós temos tudo: os indicadores, Freud, Lacan, a gente fazendo força hoje... O *como* está aí... em nossas mãos. Precisamos é fazer uma descarga das tralhas inúteis e retomar o processo. Acho que a maior responsabilidade do momento presente é dos analistas... Se eles o fossem, se assumissem o lugar que ousaram ocupar. Acho que ninguém tem melhor condições no presente momento histórico do que aqueles que se supõem na prática freudiana, de retomar isso tudo, retirar do folclore em que se transformou, e ousar pensar alto – e transmitir alto e em bom som algo que venha deslocar a baboseira histórica em que estamos metidos.

Costumo dizer que é preciso ver que nunca saímos do Neolítico. Até toda essa fantasia maravilhosa dos anos 60 para cá ainda é assim, rebotalhos do neolítico: tipo Antropologia Estrutural, etc. É uma velharia de que precisamos urgentemente ficar livres. Isso tudo foi importantíssimo, sem eles não poderíamos fazer nada. Não estou cuspiendo no prato em que comi. Sem isso não poderíamos fazer nada, mas acontece que já fizeram. Não preciso ficar esmiuçando por dentro. Élisabeth Roudinesco me dizia em particular que – como eu, aliás –, estava de saco cheio do que, na França, se escreve sobre psicanálise. É pegar o que o mestre pensou e ficar fazendo “doce”... e salgadinhos: a festa da reprodução, do esmiuçamento... Acho que é preciso continuar ousando como eles ousaram. Repensar o processo todo com seu tempo, seu momento. Acho que temos condições porque somos maneiros. A gente vai de jeitinho em jeitinho dando umas viradinhas por aí. A gente se vira, e tem que se virar.

- P – *Em termos de prática, de consultório, como lidar com essas situações considerando uma psicanálise brasileira? Por exemplo, a questão da lei, da intervenção em ato, da atuação, em relação a esse jeitinho?*

Depende do jeitinho. Estou chamando atenção para que, por trás do jeitinho, deve haver uma estrutura muito importante que deveríamos utilizar. Agora, generalizar isso fica difícil. Era preciso que o analista mesmo fosse mais jeitoso, que não viesse com coisas prontas, que sentisse o caso. A psicanálise, em sua teoria e organização de instituições, quanto ao processo de transmissão, é uma faca de dois gumes, porque, de nosso lado, a resistência é muito grande. Por outro lado, os aspectos defensivos são muito bem construídos. O analista precisava se defender menos, arriscar-se mais. Se não, fica aquele conforto do tal do consultório, que por si só já é um lugar bastante confortável. Fica aquele conforto, de dentro da prática, em que as condições defensivas do analista são enormes, e toda vez que se sente pressionado por alguma emergência virulenta, ainda que com caráter patológico, neurótico, etc., ele acha uma escapatória na hora. Vai a seu fichário, lá na teoria, e acha uma escapatória rapidinha. Então, para falar correto, vem-se com essa babaquice de defesas, atuações, etc. Vamos olhar isso com um pouco mais de cuidado, pois no jogo da transferência vale tudo. É judô. Não adianta dizer que o cara está atuando. Eu que me vire e me revire, para virá-lo e revirá-lo. Essas coisas ficarem na cabeça da gente durante o trabalho, é altamente defensivo. É papo de neurótico.

Fico muito espantado de frequentemente ver os ditos analistas – nós, portanto – com essas defesas nitidamente neuróticas. Era preciso a gente fazer análise – sei lá como, mas de algum modo fazer. O que estou pedindo é que a gente pense um pouquinho mais acuradamente, se arrisque um pouco mais para ampliar esse campo.

- P – *Me pareceu que sua resposta deixou pouco clara a situação da psicanálise brasileira. Você poderia precisar mais?*

Vamos partir da suposição de que a psicanálise seja a mesma em qualquer lugar. Entretanto, você tem um aqui e agora com os meios, os materiais e as posições que você tem... Guimarães Rosa diz que “tudo se finge primeiro, germina autêntico é depois”. Este fingir aí é mais da ordem do *imitatio*. Não acho nada demais que exista um pouco de macaquice – o que existe mesmo na Europa –, não se pode passar pela mão de Lacan sem ficar um pouco macaco de Lacan, é difícil. Lembro-me de uma sessão que tive com

ele em que, saindo de seu Seminário, lhe disse: “Estou com vontade de vomitar de tanto macaco que vi dentro de seu Seminário!” Eu era um deles, evidentemente... Mas Quando me vi no meio da macacada me deu enjôo de tanto lacaneta... Nada tenho contra o sujeito ter que fingir que é analista para poder virar analista. É normal, começa-se assim: é até uma boa noção de que o jogo é de fingimento. Estou careca de dizer que o analista é um farsante. Mas, com um pouco de prática, de estudo, é preciso começar a abandonar regras, dicas, etc., e viver o processo intensamente de maneira que se possa inventar aqui e agora o acontecimento, o lidar com o tal do jeitinho. Depende: o jeitinho é de perverso, de neurótico, como ele está sendo jogado? Ou é um bom jeitinho?

Tirar o “seu” da reta pode ser uma safadeza, no bom sentido, do analisando: aprendeu-se a farsa. O que é, efetivamente, uma atuação? É preciso re-pensar isto várias vezes. E se o que o analista está dizendo que é atuação do analisando for atuação defensiva do analista? Como a gente sai dessa? Então, menos definições e mais jogo de cintura. Acho que o analista, dentro do trabalho, deve estar correndo o mesmo, se não maior, risco que o analisando. Ele deve estar “a perigo” nisso que chamo de movimento do Peri-goço.

O jogo, por exemplo, do analista com a sexualidade do analisando. É de uma extrema bobice... Lacan deu um golpe de mestre – e tinha padrinho: Freud já tinha feito, de certa forma – no campo da designação do sexuado. Deslocou para um campo estritamente lógico, da ordem do verbo. Mas houve quem corresse a situar isso dentro de um suposto  $S_1$  do sujeito que estaria sobredeterminado, por condições culturais, etc., como se o conceito de significante em Lacan comportasse esse tipo de ancoramento. O analista não pode ser o psicólogo dos bons comportamentos, dos interesses da ordem social vigente. Ele nada tem a ver com isso. Ele devia estar mais perto dos pensantes, dos poetas, do revigoramento do processo e re-compreensão desse fenômeno que é essa monstruosidade de ser falante. Isto não é nenhuma anarquia. Muito pelo contrário: há uma lei fundamental que põe diferença em nosso seio. É um respeito restrito a isto – e fazer o movimento disto. Já basta que lá no chamado mundo as coisas estão emperradas e neurotizadas ao extremo. Nós não devemos ser coadjuvantes...

• P – *Você pode falar mais sobre a questão do Terceiro Sexo em termos de articulação teórica...*

Posso dar uma ligeira dica<sup>2</sup>. Fiquei muito tocado com Lacan tão velhinho, em final de carreira, estar se colocando essa questão em seu Seminário. Ele que, a vida inteira, tinha afiançado, pelo cacoete francês, ou pelo cacoete lá dele, que só havia dois sexos terminava nessa perplexidade. Afora o que, como tenho certa experiência, estou às beiras do meio centenário, não nasci ontem, já vi um pouco de coisas por aí, reconheço de certa forma o que Sollers, em seu livro *Femmes*, com todos os defeitos que nele se possa encontrar, diz: “Só há mulheres”. Era um contemporâneo de Lacan, seu amigo, e suponho que do que disse Lacan ele inferiu isto porque *homem* não existe. Eu não conheço nenhum... São todas umas mocinhas. As feministas quiseram descobrir que só há mulheres... Pensando bem, na verdade, se é verdade o que Lacan disse, pode-se encontrar o sujeito em mal-estar de castração de vez em quando. Que isto defina o gozo-fálico, tudo bem!, mas não creio que alguém fique nessa condição por muito tempo. Porque sobrevém a particularidade: desmunheca daqui, rebola dali... Quanto mais machão, mais difícil de a gente acreditar... No entanto, eu ficava refletindo sobre isso e achando que havia um erro aí. Lacan escreve as quatro fórmulas quânticas, que todos conhecem. Assim como escreveu as fórmulas dos discursos, limitando-se rigorosamente à chamada função quadrado – aquela, na matemática, em que se toma um quadrado, quatro lugares, pode-se girar e esses lugares serem ocupados por letras diferentes, e, assim, tem-se as quatro possibilidades de movimento –, na medida em que as lógicas em vigor lhe possibilitavam, sem reducionismo, quatro posições. Por que Lacan não escreveu oito discursos se a combinatória possível é de oito? Por que escreveu quatro fórmulas, duas a duas, para escrever a sexualidade? Porque se limitou ao grupo quadrado e há uma lógica que demonstra – é uma pena que não esteja aqui Luiz Sérgio Sampaio, que (diferentemente de Newton da Costa, que tem uma lógica ainda muito limitada, brilhante, mas que precisa crescer, fazer análise) lhes explicaria isso com bastante clareza – que, dentro da lógica utilizada por Lacan, as outras quatro, numa construção cúbica, seriam reduzidas às quatro vigentes. Portanto, não adiantava ele dizer mais quatro porque as outras seriam equivalentes.

Se temporalizo essa lógica, se a vou fazendo cronicamente, uma depois da outra, é possível – e já pedi ao Sampaio que demonstre isto por escrito – que as oito tenham

---

<sup>2</sup> O que é dito nos parágrafos seguintes está desenvolvido no Seminário de 1985, *Grande Ser Tão Veredas* (Rio de Janeiro: Novamente, 2006).

posições diferentes, ou seja, que as quatro seguintes, na combinatória, não sejam redutíveis às quatro primeiras. Isto fica muito claro para mim na medida em que Lacan toma Aristóteles e se recusa, fundado no princípio, no teorema freudiano da castração, a tirar o universal da existência do particular. Muito ao contrário, tira o universal de uma exceção que funda o universal, que é o caso do imperativo da Lei, na castração: “Existe pelo menos um que diz *não* à função fálica –  $(\text{Ex.}\sim\phi x)$ . Posso ler *que diz não* ou *que pode se excluir dela* para fundar esse universal. Então, ele parte desse princípio freudiano e, se isto é verdadeiro, deve ser possível negar essa negação. Ou seja, se posso afirmar essa negação – existe pelo menos um que diz não, que barra a função para fundar um universal, que ele chama de Masculino –, então, é possível negar isto. Lacan fica aí: se é possível negar isso –  $(\sim\text{Ex.}\sim\phi x)$  –, comparece o não-todo –  $(\sim\text{Ax.}\phi x)$  – na ordem do Feminino.

Mas continuo a insistir que a combinatória é possível porque a prática nos diz isto e porque, em algum lugar, tenho que escrever o apagamento disso tudo, que é a Morte conjecturada. Só conjecturada, porque o ser humano é imortal. Não há possibilidade para o ser falante situar a morte senão como significante, e como segunda: como minha desagregação pessoal no processo da minha fala e da minha vida. O atingimento de morte tal qual é impossível do ponto de vista mental e do ponto de vista físico, biológico, etc.: o sistema, antes ainda de se desagregar, desaparece de si mesmo. Portanto, ninguém tem acesso a morte alguma – nem mesmo à morte do outro. Um outro morre, ele me faltou, eu fico em mal-estar de pesadelo, mas dar conta disso não posso. Não tem nenhuma experiência, nenhum acesso, Freud já disse. Não há maneira de se ter acesso a esse impossível. Portanto, a morte não há. Ela faz parte do Não-Haver, tal como coloco no meu Esquema Delta.

Era, então, preciso escrever em algum lugar que sexualidade é essa que conoto com a Morte, qual a sexualidade que lá se inscreve. E isto é possível na combinatória. Posso dizer que não existe nenhuma afirmação da função fálica se universalizo a não-função fálica –  $(\text{Ax.}\sim\phi x - \text{Ex.}\sim\phi x)$ . Isto é a Morte, o tal Silêncio. Está aí o sexo da Morte, que não há. Um sexo absolutamente silencioso que nada tem a dizer porque não há, é inatingível. Então, se faço a conjectura da morte, estou supondo um lugar cujo gozo e zero absoluto. E só posso dizer isto, compativelmente com a formulação lacaniana, dizendo que não existe nem um único que afirme e, portanto, se isto é possível,



universalmente a função fálica é negada, não há. Só escrevi o lugar onde não há: o sexo zero.

Se coloco esta fórmula, fica me faltando mais uma, pois tenho que conjecturar outra maneira de ser não-todo, um outro lugar de não-universalidade. Se escrevo, então, o que é a afirmação de Aristóteles, de onde ele partiu para chegar ao universal; se temporalizo as fórmulas lacanianas; e parto da experiência de reconhecimento de que é possível dizer *não* à função fálica, digamos, função paterna fundando o universal, de que é possível dizer: “Não existe quem diga não à função fálica”, não universalizando portanto, tenho que concluir que de algum lugar há reconhecimento puro e simples de que há função fálica. Isto a partir do reconhecimento dos dois que Lacan reconheceu. Então se, baseado nisto, temporalizando, tenho que reconhecer que, seja nisto que Lacan chamou de Homem, seja no que chamou de Mulher, que prefiro chamar de Masculino e Feminino, há reconhecimento de vigor da função fálica, pois só na Morte é que não há, tenho, pois, que dizer: “Se existe função fálica, não-todo é não-função fálica” – ( $\sim Ax.\sim\phi x - Ex.\phi x$ ). Portanto, se a função fálica está presente no Masculino e não deixa de estar no Feminino, posso dizer que a função fálica pode ser negada, mas não-toda, não por inteiro.

Que lugar e esse? Contrariando, então, a inspiração de Sollers, em vez de dizer que há homens e mulheres, ou que só há mulheres – ele não disse que todos são mulheres porque não ficava bem, não cabia na frase –, eu diria: só há *Anjos*. O tal do Sexo dos Anjos que as pessoas pensavam ser uma questão bobá, chamaram de *bizantina* por ser questão de bizâncio, coisa que queriam resolver de maneira teológica, acho que é uma questão muito pertinente. Afinal, qual é o sexo dos anjos, já que eles existem? Ninguém vai me dizer que nunca viu um anjo! Só há anjos. É o nome do significante. O que é significante e angélico. Qual é o sexo dos anjos, ou seja, de nós outros? Então, para não ficar confundindo com os anjos da religião, eu chamei de *Falanjos*. São os Anjos pela fala. Qual, então, é o sexo desses Falanjos que somos nós? É de estarmos inapelável e inarredavelmente adscritos à função fálica podendo até eventualmente negá-la, mas não por inteiro, o que permite entrar no processo da Sublimação.

Aí nesse lugar é que instalei o que quero chamar de Gozo-do-Sentido. Lacan colocou, gozo-fálico, gozo-do-Outro e Sentido, o qual ficou meio perdido, meio aproximado do corpo, etc., mas é um gozo por excelência, compatível com o que ele diz

sobre o gozo da fala: o gozo de fazer, de produzir sentido. Ou seja: lugar possível de produzir Sublimação. Ou não, e ficar *obrigado* a um gozo, a um sentido já dado, que é o que chamo Neurose.

Enquanto Falanjos, temos que escolher entre ficar apensos a um sentido dado ou fazer sentido angelicamente. É desse lugar que cada Falante aspira suas posições sexuais – desse lugar que *seria* o Terceiro Sexo (pelo qual Lacan se perguntava) se não fosse o primeiro e único. Sei que os lacanistas franceses podem ficar arrepiados com um negócio desses: “Imagine, ele está falando do unissex”. Nada tenho contra, mas o unissex não se aguenta, ele resvala o tempo todo... Mas trata-se é de uma posição onde posso, por uma questão de reviramento, estar ora adscrito ao gozo-fálico, e, portanto, no Masculino, ora ao gozo-do-Outro... E tudo isto vigorando dentro de uma ordem de *sentido* porque é de dentro de uma estrutura de sentido que falo, que construo, que, inclusive, faço sexo. E isto está em Freud que, por não poder melhor dizer, dizia ser bissexualidade, ou que toda relação sexual é a quatro. Não é a quatro, não, é um resvalamento constante: de dentro da posição angélica, como falante, é que se resvala para Masculino e para Feminino.

Temos, então, o seguinte quadrinho:

- |    |                                   |                                 |
|----|-----------------------------------|---------------------------------|
| 1. | $Ax\Phi x.Ex\sim\Phi x$           | – Primeiro Sexo: Homem          |
| 2. | $\sim Ax\Phi x.\sim Ex\sim\Phi x$ | – Segundo Sexo: Mulher          |
| 3. | $\sim Ax\Phi x.Ex\Phi x$          | – Terceiro Sexo: Falanjo        |
| 4. | $Ax\sim\Phi x.\sim Ex\Phi x$      | – <del>Quarto Sexo: Morte</del> |

Mas estamos no Neolítico, até hoje, impressionadíssimos com as aparências da imagem corporal. Esse troço nunca deu certo... É, por exemplo, fazermos o Registro civil de uma criança quando nasce, botando sexo Masculino ou Feminino em função da genitália. Então, começa-se por imaginarizar o processo, embora se utilize, para isto, da ordem significante. Não adianta querer bancar o respeitador do simbólico e dizer que, por via simbólica, foi este ou aquele significante que entrou. Acho que isto é corromper negativamente a teoria, pois: o que o sujeito vai fazer com esse significante, já que ele o é? O registro civil é da ordem do significante ou do signo? É sígnico, se não cínico.

Estamos, ainda, e o mundo ainda está nessa, fazendo o questionamento da sexualidade a partir de uma inscrição sígnica, neolítica, de função reprodutiva – o sistema de parentesco de Lévi-Strauss não é outra coisa, ele é herdado da ordem reprodutiva animal –, e da aparência anatômica. Isto é incompatível com o falante. Nunca deu certo, a não ser por alto processo repressivo, senão aparentemente.

Sempre se chamou as crianças de anjinhos. Então, deixa falar para ver o que dizem...

• P – *Que forma de abordagem da cultura, das instituições, dos grupos, das comunidades, você vê como exequíveis pelo analista, dentro dessa Clínica Geral que você apontou?*

Isto está em fase de inspiração ainda... Temos, por exemplo, lá no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, o “Joãozinho – Depto. de Estudos da Criança no Discurso Analítico”, que está tentando abordar na prática, com trabalho de pesquisa, as questões da transmissão na pedagogia. Quanto a esta última, aliás, é preciso dizer que não adianta ser Anna Freud, Melanie Klein ou Cathérine Millot que dizem que a psicanálise é a psicanálise e a pedagogia é a pedagogia. Eu não acho assim. A tese de Cathérine Millot, por exemplo, é que a única coisa que a psicanálise tem a ver com a pedagogia é que os pedagogos deviam fazer análise. Acho que é muito pouco. Podemos e devemos intervir com posições equivocantes diante de *todos* os discursos. O ato da transmissão teórica, quando está em vigor, quando não é mera reprodução, do já sabido, quando está investindo o saber, é interpretação, é interpretativo. Por exemplo, forçar a barra lacaniana do modo que faço aqui, criar comichão, é interpretativo... Levar isto para dentro da universidade é criar caso, é interpretar... Enfrentar professor da escola primária com questionamento desse tipo, retirando da psicologia do bom menino, é interpretação. Isto é o que chamo de Clínica Geral, que se vai buscar onde for... Vocês verão aí o “Joãozinho” trazendo um vídeo, que realizou, onde se apresenta uma pequena relação nossa com as crianças da Escola de Samba. Isto para ver como lá a transmissão funciona... JoãozinhoTrinta é sujeito de um talento incrível, como podemos ver no desfile da Avenida, mas também é incrível como ele lida com aquela comunidade em que trabalha. É um vídeo artesanal, mas vocês verão a força que tem.

Tenho uma implicância especial com o chamado pedagogo por causa – eu passei por isso, vim dessa história, sou professor, etc. – do psicologismo boçal pelo qual as

---

crianças passam... Assim não se vai a lugar algum. A confusão que se faz ali é muito grande. Embora comecem a aparecer algumas dúvidas, vivemos o auge do psicologismo do bom professor e do professor bonzinho: “Não se pode traumatizar as crianças”. Eles não entendem que trauma é ignorância. Portanto, se for o caso, é melhor dar logo um esporro no moleque... Vocês verão o Joãozinho Trinta beliscando um lá que não estava sambando direito. Mas é quente, é de gente para gente: as crianças estão lá porque querem, acham o maior barato... Portanto, não é aí que a coisa pega...

Estamos vivendo um psicologismo pedagógico de tal ordem em que todos perderam as estribeiras. É o “amor universal” – um cristianismo horroroso. Que deu nessa porcaria que deu. Tiveram a má idéia de me convidar certa vez, para um Congresso de Pedagogia onde uma moça perguntou o que se deve fazer para motivar as crianças ao ensino, etc. Eu respondi que era muito simples, era só dizer: “Você vai aprender isso porque eu quero! E se não aprender leva zero!” E ele vai começar a acreditar. Mas se se quiser “suscitar o desejo”, não vai dar em nada... Foi assim que fui educado. E eu sou ótimo, não é?...

Ou seja, a criança está na escola porque a meteram lá dentro, ela não foi consultada, o sistema é assim, etc., então, que se fale a verdade... Lá no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, que é uma instituição psicanalítica, tem o chamado Instituto Jacques Lacan que é um troço universitário. Lá quem fez besteira, leva zero. Acabou-se, é assim! Porque depois que veio, esse tal discurso psicanalítico está virando a pedagogia do bom mocismo. Usa-se dele para desculpar qualquer mazela, qualquer desinteresse. O sujeito está, por exemplo, tratando de negócios e vem um outro e diz que aquilo “não é analítico”. Não tem nada a ver: cada coisa em seu lugar. Cada discurso em sua hora. Tratem de saber girar de discurso... de um para outro...